

sente nem do passado. Muitas vezes crê que no Brasil se fala espanhol. E nunca encontrou êstes conhecimentos nos conselheiros que lhe orientam os estudos, nem na escola secundária nem na universidade.

A grande tarefa do *Portuguese Language Development Group* é, então, uma obra de publicidade. É mister divulgar entre os americanos médios os países de língua portuguesa, e escolher bem os elementos mais capazes de chegar ao conhecimento de um povo bombardeado doze horas por dia pela indústria de publicidade mais desenvolvida do mundo. Há quem lê Machado de Assis e Eça de Queiroz, mas a tradução de *Gabriela, Cravo e Canela* foi lida por dez vezes mais pessoas. Há quem adora a música de Vila-Lobos, mas sem saber que era brasileiro. Mas neste momento Sérgio Mendes representa o Brasil para muitos americanos. A diplomacia brasileira nunca mandou ninguém ao exterior que conquistasse um povo como fez Carmen Miranda nos Estados Unidos. Não importa que a imagem fôsse um pouco falsa; foi completamente favorável. A música popular brasileira é sem dúvida a maior arma de propaganda — de propaganda no melhor sentido da palavra. Chama a atenção do grande público, ganha a boa vontade dos ouvintes, e deixa uma lembrança que não se desbota com o tempo.

Existem outros meios aproveitáveis, quase não empregados até agora. A arquitetura moderna do Brasil é talvez a melhor do mundo, mas não se encontra um bom livro de divulgação, com fotos. As fotografias de Brasília, levadas ao mundo inteiro, geralmente por estrangeiros, modificaram sensivelmente a impressão que o mundo tem do Brasil. A pintura brasileira viaja à Europa e aos Estados Unidos, mas existem nela grandes possibilidades de divulgação do país que não se aproveitam.

O *Portuguese Language Development Group* acredita que, no seu trabalho de divulgação do Brasil e Portugal, de criação de cursos de português, presta um serviço aos três países. Procura a colaboração de entidades dos governos de todos, e tem feito alguma, mas há outras coisas que êstes governos poderiam fazer com gastos mínimos.

ARMORIAL DE UM CAÇADOR DE NUVENS



RECIFE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
1971

Capa de ANALÚCIA

A
ARIANO SUASSUNA,
mestre e mago

e a *MAXIMIANO CAMPOS*

e à *nossa jovem geração sem lei nem rei.*

DO PODER DOS MÁGICOS OU A INSENSATEZ ADMIRÁVEL

Creio no poder criador e operador da vontade. Creio na vontade produtora do êxtase. Creio no êxtase provocado e dirigido por ela. Daí só merecerem minha confiança os apaixonados. Porque só êles são voluntariosos, porque só êles querem alguma coisa, porque só êles matam e morrem por amor. Também o fato de serem admiravelmente parciais é o mais seguro testemunho de que jamais serão indiferentes, quer como adoradores e violentadores daquilo que amam, quer como irreconciliáveis inimigos daquilo que odeiam. Como poderão ser imparciais, se não são amantes fortuitos, mas adoradores intransigentes? Como poderão, por outro lado, ser imparciais, se odeiam violentamente com a mesma fôrça de seu amor?

Êles são os forjadores de uma linhagem de mitos. São os portadores de uma excitação cósmica. São os representantes da corrente sacralizante da vida. São os frequentadores habituais do sagrado. Não são apenas sensibilidade nem são apenas razão. São os encarnadores de uma vontade, que é sentimento, que é inteligência, mas que também é êxtase.

Não creio nos desapaixonados. Ao mesmo tempo merecem meu furor e minha pena. De suas fileiras, é bem verdade, jamais sairão os delinquentes; mas, por outro lado, êles jamais serão santos, artistas, missionários, cruzados ou guerreiros. São tremendamente normais, nunca extrapolando de sua normalidade absoluta: daí sua circunscrição sòmente biológica, e a sua alma de planura, fria. Não é pelo seu vôo rasteiro que uma ave deixará de ser ave. É o fato de não imprimir a menor paixão às suas asas, que constitui uma ofensa ao sentido da vida. Ninguém é obrigado a altos vôos. Mas é inaceitável, é profundamente indigno, que não se queira, sob qualquer pretexto, voar.

Porque o vôo é a medida de todo ser alado, quer êle seja pássaro, quer êle seja homem.

Os apaixonados nunca buscam a lógica de uma coisa. São, num certo sentido, desinteressados com relação a ela. Não querem estar seguros de sua certeza e de seu êrro. Porque pouco lhes importa o fato de estarem certos ou errados. E não procuram a lógica, por lhes interessar muito mais o mistério; por serem os arrebatados do imprevisto, desequilibrado e louco que há em tôda verdadeira beleza. E por ser exatamente através da beleza que alcançam o seu Deus, o seu Absoluto, a sua Verdade.

Tôda verdadeira paixão é violenta e destruidora, e traz em si, contraditòriamente, o seu próprio aniquilamento, como se ela, a paixão, se oferecesse em holocausto a si mesma, deixando-se devorar por suas próprias chamas. Mas êsse desejo de aniquilamento nada mais é que o desejo da consumação sexual e mística do grande amor que a vida sente por si mesma.

A paixão pertence ao domínio do mágico. E os mágicos serão os senhores absolutos da terra. Quem maior responsável pela vida sem imaginação que se conhece e que nos exila no mundo, senão o precoce e forçado degrêdo dos mágicos? A melhor forma de apodrecer a vida é matar ou degradar os seus mágicos. Só os imbecis, os criminosos de lesa-beleza pretendem destruir nos homens e nas coisas o sentido mágico. E só aos mágicos cabe o direito de desencantar para sempre êsses criminosos. Porque os mágicos são os apaixonados. E só os apaixonados merecem crédito.

Ângelo Monteiro

GALOPE DOS MÁGICOS

(Em ritmo de galope à beira mar)

“Não a vaga palavra,

.....

Mas aquela dos sopros afligida,

Mas ardente, mas lava, mas inferno,

Mas céu, mas sempre extremos. Esta sim”.

Jorge de Lima

As ancas da tarde estremecem chorando
Com as línguas de fogo dos ventos finais.
E os anjos de rubro nos céus vesperais
A fímbria das vestes espalham ondeando.
E como um murmúrio de pássaro brando
Ou tal uma brisa de sangue a rezar,
Eis que sôbre as ondas um nôvo avatar
Unindo seu grito ao clamor das sereias,
Rebenta seu nome de encontro às areias,
Cantando o galope na beira do mar.

E os príncipes loucos correndo na praia,
As naves girando das mãos e dos pés,
Restauram nos ares antigos corcéis
Ao som desta voz que o silêncio desmaia.
Tão belo êste canto sangrando se espraia
Aos seus exilados ouvidos sem lar,
Que em prantos conhecem a voz do avatar
Que à terra regressa calando as sirenas,
E as máquinas torpes, e as dores e as penas,
Cantando o galope na beira do mar.

O mago Verdantha cavalga no vento
De suas narinas de estrêla crispada.
E com seu querer ofegante de espada
E os giros vermelhos do seu pensamento,
Desperta dos lábios o império violento
De suas palavras de vida a sangrar
Aos príncipes loucos na praia a bailar.
E a angústia da voz que os cristais dilacera,
Nos arcos de sol de seus lábios de espera
Desfere o galope na beira do mar.

Ó príncipes loucos, eu vos anuncio,
Pisando na cinza dos tempos pressagos,
O fim do degrêdo de todos os magos
E a grande vingança do meu desafio
Aos donos de um reino cansado e sombrio.
Por isso eu vos chego num dia a findar,
Na véspera de outro mais longo a tombar
Como todos os pássaros e as fúrias do verde
De bÍlis rebelde, de fome e de sêde,
Com ânsias sem nome espumando no mar.

Por isso eu vos chego de móveis alturas
Desejos calcando de vãs seguranças,
Mesquinhos consolos, fiéis esperanças,
E apenas vos prego loucuras, loucuras,
Das mais imprevistas, mais belas, mais puras,
E não das de porte calmoso e vulgar,
Loucuras possíveis em todo lugar.
Imprimo por isso aos meus novos cantares
O rumo sem rumo das ondas nos ares
E a sombra dos ventos caídos no mar.

Insones vos quero: como a candelabros
Acesos na pele de um pássaro morto.
Como a candelabros velando num horto
O sangue dos deuses ao pó revelado.
A vós cujos olhos trazeis desterrados
Da antiga membrana que foi vosso olhar.
A vós que trazeis numa insônia lunar
Um tigre doente a rasgar-vos as veias,
Jamais venha o sono assim como às sereias
Que insones galopam na beira do mar.

Insones vos quero: de sob as estrêlas
Que há muito perderam seu louro renome.
De sob esta lua, cadáver que some
Atrás das idades sem mais percorrê-las
Com seus velhos raios filtrando-se pelas
Marmóreas veredas de quando luar.
Insones foguetes os céus a varar
Assim eu vos quero: com os olhos acesos,
Abertos e claros, mirando surpresos
O verde galope das ondas do mar.

E a um nôvo galope a vós todos convido,
Que a trama da vida enlaçastes num véu,
Mantendo das coisas a imagem fiel
Além das escuras paredes do olvido.
A vós que fazeis o mistério vivido
E a insônia inventastes pra mais o mirar.
O tempo não finda a quem quer cavalgar
Cavalos de insone e indormida beleza,
Nos cascos sangrando seu timbre e nobreza,
Correndo ao galope da beira do mar.

Porque sois insones tereis o legado
Que cabe aos amantes de longa procura:
Há fontes manando de vida e ternura
Atrás dêsse jôgo do verso e do fado.
Há fôgo, paixão, desafôgo, chamado,
E a fúria dos anjos que querem vingar
As asas manchadas na perda do lar.
E tôda uma entrega de amor que se oferta
A quem traz o olhar como chama deserta
Por sôbre os galopes da terra e do mar.

A insônia vos prego, afinal, porque dela
Tirastes o brilho de vossas entranhas.
Envoltos do manto de pátrias estranhas,
Possessos do fôgo que a musa revela.
Insones vos quero, afinal, porque é bela
E mágica a insônia dos que amam sonhar,
Embora sem sonho ou nada que amar.
Porque não se entrega a qualquer abandono
Quem sonhos conquista na terra sem sono:
Na clara vigília das ondas do mar.

Das perdas da terra construí vosso Paço,
Da renda dos lírios tecei vosso engano,
Na ausência de mar inventai um oceano
Maior e mais denso em seu líquido espaço.
A vossa paixão servirá de compasso
Na terra, nas águas, montanha ou solar.
Dareis à palavra um fulgor estelar
De raios convulsos, clarões, chamamentos,
Que faça tremer a conjura dos ventos
No negro galope das ondãs sem mar.

Refúgio dos anjos, esquiva paragem,
Além dessas dores no cerne da vida,
As aves, e o brilho das asas tolhidas
Que ao sonho se libram depois da voragem.
Retornem do olvido princesas e pagens.
Renovem-se as velas do vosso esperar.
Ó côrte dos lírios, ó rosas do ar,
Ó louras madeixas libertas das feras,
Ó plagas remotas, ó doces galeras,
Ao som do galope das ondas sem mar.

Mas que valem sombras? Não mais espereis
De velhas usanças, palavras e guizos.
A névoa, essa névoa a vedar paraísos,
Não pode trazer-vos de volta outra vez
As louras miragens da vossa viuvez.
Quedaram-se os templos, sem pira ou altar
Em honra dos deuses: perdido velar.
Aos peixes dourados dos mares no fundo,
Debalde clamaís nas areias do mundo,
No negro galope das ondas sem mar.

As próprias serpentes o seu poderio
Mataram com a perda da fé no veneno.
O mal sem tragédia — não chega a ser pleno,
O bem sem grandeza — perdeu todo o brio.
Cercou-nos de muros um grande vazio
E vemos canteiros de tédio e pesar
Do chão carcomido das (h)eras brotar.
Extinta a alegria, e o amor sem sentido,
A vós nada resta senão ter ouvidos
Pra o negro galope das ondas sem mar.

Se o mar se acabou, e o seu verde, e êsse aflito
Girar das gaivotas por sôbre os navios.
E o gasto tecido dos búzios já frios
Não fira o silêncio jamais com seu grito
De guerra nos ares sagrados do mito.
Tritões e sereias não mais a povoar
Dos sons de seus lábios o céu tumular.
Apenas por eco das ondas passadas,
Os nervos convulsos das conchas magoadas
Pranteiam nas pedras os restos do mar.

24 a 25 de dezembro de 1969

A(R)MORIAL DE UM CAÇADOR DE NUVENS

“Varia imaginación, que en mil intentos,
A pesar gastas de tu triste dueño,
La dulce munición del blanco sueño,
Alimentando vanos pensamientos” . . .

Don Luis de Góngora

I

Estremeces com ímpetos e rubros
De cavalos pastando sôbre a aurora.
Aos campos espalhando amor sem freios
Com teus cascos de luz cingindo as horas.

Nas pastagens do verso quanta sombra:
Maior que quanta sêde tenhas tido.
Já podes calcular um tempo espêso
Somado desta angústia ou desta fome.

Nas ausências da sombra evita o excesso
De luz (ou de areia) sôbre os olhos.
E medita ao redor das grandes frondes
O verde interior que elas escondem.

Que, sem fugir ao sonho, tens domado
Tudo quanto lhe enrede a tessitura:
E a renda do teu sonho prolongado
Dêses fios concretos se emoldura.

II

Rumos de prata, êsses rumos
Traçados pelo poema
No papel sem uma ruga
Na sua planura extrema.

Daí dispensar espelhos
Temendo que a face cínica
De um demônio estampe neles
A sua imprevista mímica.

Quer o poema despenque
Tal uma pedra em meu sono;
Quer me massacre sem pena,
Eu nem por isso o abandono.

Que surja assim, grande intruso,
Sem que eu o tenha chamado.
E após se vá, como veio:
Visitante inesperado.

Que importa? Serei a lâmpada
Segura a qualquer açoite
Dos ventos rubros, possessos,
Que me virão pela noite.

III

Quem dera explicar sem gesto
As coisas que faço em verso.
Quem dera meu Deus quem dera.

Contanto que saibam a vida
As coisas que em verso vão.
Que pena no mundo estarmos
Tão sós: às vêzes sem rima
E tantas vêzes sem pão.
Eterno conflito apenas
(darei) das coisas em ão.

Ondas crescendo no peito,
De sangue, de encontro aos remos.
E apesar da fé que temos
O sangue galopa em vão.
O mesmo mar que inventamos
Contra nós se desarvora:
De nada vale esta aurora
Se o sangue galopa em vão.

Galopa, galopa às tontas,
Nos cascos das nossas veias.
E do portal às ameias
Do peito galopa em vão.
Na busca desta miragem
Cansamos nossos corcéis,
Contra horizontes cruéis
Que fogem da nossa mão.

Não vale atirar-nos contra
Castelos sem precisão:
Pois sempre qualquer desastre
Da vida termina em ão.

(1966)

IV

Trago ouvidos afiados
Do gume de mil tambores

Castas constâncias de pátria
No meu peito sem senhores

Gritos morenos da raça
Estandarte de três côres

Navegações nos meus olhos
E sonhos descobridores.

V

PEDRA DO REINO

(a Ariano Suassuna)

O Rei Pedro foi a pedra.

A pedra proclamadora.
A pedra chefiadora.

Pátria, manchada pedra.
Pedro, banido rei.
Os estandartes do Império
Ao vento desdobrarei.

Pátria, manchada pedra,
Pedro, banido rei.
Quero um dia alva e salva
A pedra que eu sonhei.

E o Rei Pedro, rei das pedras,
Coroadado por sua grei.

VI

Maribranca, em aérea carruagem,
 Aportou junto ao cais da tarde finda.
 E nunca foi tão branca nem tão linda
 Como sôbre os castelos da paisagem.

Embora o céu por lúcida pastagem,
 Sua fome de azul era tão virgem
 Que seus brancos cavalos, na vertigem,
 Pareciam tangidos pela aragem.

Descendo, a carruagem desatrela
 Dos seus brancos e mágicos cavalos,
 E o poente coroa a frente dela.

Ao passo que nas ancas de cristal
 De inusitadas harpas, pelos vales,
 Anjos dedilham coros de natal.

VII

A VISÃO DE BERNADETE

(a Esman Dias)

I

Pequena Bernadete
 Asmática de Deus.
 De alma além do fôlego,
 Que o fôlego é pequeno
 Para conter sua alma
 Sedenta e pressurosa.
 Que o fôlego é pequeno
 Para a alma que é tanta.
 Que o fôlego é pequeno
 Para conter seu Deus.

II

Cheiro de hóstia nos ares
 Brancos de Massabielle:
 Traspassada de vozes
 Uma menina reza.
 As colegas de há pouco,
 E a mata em tórno, cessam.
 Desarmada na gruta
 A carne lhe estremece
 Frágil e confundida
 Sob os punhais celestes.

Uma visão não dura
 Mais que o tempo preciso:
 Crescendo num sorriso
 Bem maior do que a carne,
 Na bôca a debater-se
 A alma leve de pássaro,
 Quando a Virgem lhe desce
 Sôbre o corpo minguado,
 Traspassado de vozes,
 Claro e desamparado.

III

Por que se esconde essa Virgem
Do mundo e de sua cara,
E apenas a uma menina
Se revela visão clara?
Branco caminho a levam
Além da gruta e da terra,
No bôjo de ocultas asas
Oculto vento celeste:
Mas a menina não sabe
Mais nada senão que reza.

Ó Virgem de torta escôlha,
Tão torta como as do Filho,
Por que os mais altos prelados
Do mundo não vêem teu brilho?
Não vêem teu manto estrelado,
E as palmas das mãos descidas
Sôbre a gruta num clarão
Que deixa a luz confundida?
E só mesmo à Bernadete
Te fizeste aparecida?

Será preciso a alma ter
Dela as vertigens e as ânsias
Tôdas do mundo, e perder
Todo o senso da distância,
Para que possam os joelhos
Ir além do próprio ardor,
E a mão alcance essa prece
Que só Bernadete achou:
De sob o pêso do cálice
De sua inocente dor.

8 de dezembro de 1970

VIII

D. IÑIGO, CAVALEIRO

D. Iñigo, cavaleiro,
Velador da fé, saúdo
O teu garbo prisioneiro
De Cristo e do seu Escudo.

No castelo dos Loyolas,
Em Guipúzcoa, te encontrei:
Não guerreiro destrôado
Nas justas da humana grei,
Mas guerreiro renascido
Nas hostes de Cristo Rei.

Jacó em luta com o anjo,
O anjo côxo o deixou.
Assim tua perna — essa viga
Que a granada destroçou —
Em Pamplona, para sempre,
Por mercê de Deus, tombou.

Se, tal Jacó, não vês côxa
A perna, após a batalha,
Quis Deus que para os combates
Do mundo não mais te valha:
Porém forte e valorosa
Para o combate que salva.

Pois da gruta de Manresa
Vais surgir nôvo guerreiro,
E ser, em Montserrat,
Sagrado após cavaleiro,
Velando as armas no altar
Da Dama do mundo inteiro.

Conquistando para o Reino
De Jesus servos leais,
D. Iñigo de Loyola,
Em honra da Virgem irás
A cavalgar teu corcel.
Nos campos celestiais.

IX

A cavalo ou sem cavalo,
Com garbo ou sem garbo irei,
Prisioneiro do meu fado
Para justas que nem sei:
Sem culpa desencantado
Do meu Reino e do meu Rei.

Se eu quisesse ser sagrado
Cavaleiro não seria,
Mesmo estando arrebatado
Por tanta fé sem valia:
Jazem rôtas as bandeiras
No céu da melancolia.

Terá sido um suicídio
que me sagrou logo cedo,
Para abraçar o difícil
Da vida e do seu segrêdo,
Ou a forma frágil de opor-me
Às duras rochas do mêdo?

Debalde me prendo aos elos
Do meu desejo falido,
Se espadas tramam duelos
No meu sangue adormecido:
E não sei mesmo se quero
Matar ou ser destruído.

X

I N S C R I Ç Ã O

O que não quero, finjo. Mas
Quero apalpar o sonho que não posso:
Essa angústia impossível, e tão concreta,
Por tudo que perdeu-se dos anais.

Meu Deus, meu cúmplice,
Três vêzes te saúdo,
E nada mais.

XI

Pobres relíquias sem pêso
que, contra mim, velo e guardo:
velhas sarças em que eu ardo
o fôgo do meu desprêzo.

Desprêzo que se reserva
para o ato de amar ainda
a algo que o eu conserva
apenas porque já finda.

Há um certo calor na crença
do que a perdeu, certa chama
que apesar da indiferença,
treme dentro do que a ama...

E, vela tremeluzente,
sôbre o altar do revivido:
aquece as mãos ao que crente
repassa as contas do olvido.

XII

Meu velho e acêso demônio
hoje dançou mais que sempre
sua ciranda de tédio
na pedra da minha vida.

Fêz bem despertando fúrias
Sem as quais não viverei.
Filho de nefanda chuva,
de primaveras não sei.

Fêz bem em curvar a foice
da velha lua em meu rosto
violado pelos deuses
antes de qualquer espelho.

Fêz bem em mandar seus pagens
passearem sôbre o meu corpo:
em seu mármore mais louco
e frio que o cotidiano.

XIII

Ao fogo que é jovem, e queima
por ser jovem e por ser tenso:
e que se mantém intacto
mesmo no maior incêndio;

Ao fogo cuja exigência
deixa os seres perturbados.
Ao fogo eu honro, a êste fogo
de natureza implacável.

Ao seu incêndio me entrego
e o coração nêle inundo,
até sair puro e cego
das labaredas do mundo.

XIV

Os deuses contaminam estas moradas
Com o suplício da relva sempre virgem,
Por mais que os corvos dançam contra as portas
Do nosso destino ignorado.

Por isso brotam flautas sôbre os túmulos
E há brasões renascendo em nossa carne.

XV

Lábios que captam o sumo do tempo
Para colhêr vermelhos
A pronúncia sumarenta das coisas.

E a agonia dos seios
Para reter gatos e pássaros,
E nos seus bicos todo o orgasmo do mundo
E mais as vestes arrebatadas do tempo.

A palidez, às vêzes, das estátuas
Cobre, de invisíveis cílios, sua fronte
Cheia de vôos e pânicos azuis.

Punhais brandos escorrem dos seus lábios.

Beijo seus ouvidos em silêncio:
Pois são os guardadores da palavra.

XVI

O Inexistente casou-se com meu sangue.

Por isso vivo das pulsações do Inexistente,
E o canto, porque êle é belo e não me fere.

Em seu seio reside a Esperada e jamais vista,
Além de tôda busca e todo amor.

XVII

O pior nômade é o que vaga dentro de si mesmo
Sem várzeas nem jardins para repouso,
Passeando a impiedade de estar vivo
Nas desgarradas selvas do Destino.

Armei um salto
Para ter a consciência de ter feito algo.
Embora em nada cresse:
Nem no salto nem no alvo.

Agitei a cabeça
Para sacudir as minhas dúvidas
Mas apenas caíram poeira e fragmentos de nada.
Os jardins da dúvida estavam ausentes
(Pois a dúvida também tem os seus jardins).

Em que lugar dormirá, sem mácula,
O sonho do meu sangue?

XVIII

De Nápoles vêm náufragas canções.

Na destroçada pureza
De um dilúvio de rôtas açucenas

O sonho que faz fôrça
Para erguer-se da terra e cai exangue.

XIX

Ao coração da Esfinge
Raros vão.
Por isso ela sofre
Por não ver atendidas suas exigências,
E se atira dos montes sôbre o mar.

XX

Não me perguntem como vou. Saúdem-me
Com o júbilo próprio das bandeiras
De príncipe, sim, de príncipe. Estendam-me
Ante os olhos tôda a heráldica de um mundo
Antes sonhado que existente.
Pois tôda a realidade é símbolo
Que se dilata em reinos sem fronteiras
Para além da amargura ou da inocência
Dos que regam seu pobre paraíso.
Os deuses não conhecem a aristocracia do sangue,
Mas apenas a do espírito.
Por isso cismeï de estar mais próximo dos deuses
Para melhor compreender os homens.
(Tudo é uma questão de cismar e imaginar.
Tôda a grandeza é farsa e fantasia).
Se ser homem é ser frágil,
Serei um frágil sem fragilidade.
Porque serei antes um lesado consciente
Que ingênuo.
Um lesado não pelos fortes,
Mas, muito pior, pelos frágeis.
Um lesado não só da Morte
Porém da Vida.
Um lesado que assumiu a enfermidade dos outros,
Mesmo sem ter se deliciado com o espetáculo.
Um lesado que, por suma benevolência,
E sem que ninguém o adivinhasse,
A sua própria alma assassinou.

XXI

Sete espelhos gigantes me torturam
Resgatando os assombros já passados
Na grama sempiterna do meu Reino
Onde degraus mais brancos que a loucura

São galgados na febre de minh'alma
Ainda aturdida pela estranha morte.

XXII

À mesa do meu Rei fui dos convivas
O que detinha o mais dourado cálice.
E meu olhar se lembra dos reflexos
Em minhas mãos da barba soberana.

Meu Rei me desterrou há longas épocas
Da sua Grei de ouro e sua Herança.

XXIII

Já cantei por donzelas doces falas
E a algazarra dos seus risos brancos
Se espalhava nos átrios sob as noites
Para sempre perdidas do meu Reino.

Jovem manto de vozes ainda desce
Das donzelas de El-Rei sôbre o meu sono.

XXIV

Navego um mar de símbolos sem conta,
Se multiplicam velas, e o velário
Das águas está longe de romper-se
Apesar das tormentas que se dão

Em seu seio noturno. E o mar confunde
A terra e o céu que nêle submergem.

XXV

Sacrifiquei o Sonho em qualquer pedra
E me deixei tragar pelo contacto
Das coisas percíveis e dos prantos
Da imolação confusa do universo.

As águas vêm e voltam sôbre os planos
Das minhas mais renhidas fortalezas.

XXVI

Edifico bandeiras sôbre os ossos
E convoco as trombetas e os clarins
Para que clamem, para celebrar
As faces restauradas dêste Dia.

Em seguida ao Sol louvo e curvo a fronte
E morro em seus brasões crucificado.

XXVII

Eu não sofro do Hoje mas do Ontem
Pelas cinzas da minha fortaleza.
Meu coração é pasto de demônios.
Perdi a antiga febre. E morro órfão

Dêsses degraus ansiados por minh'alma
E hoje despencados dos meus olhos.

XXVIII

Caçador de outra raça,
Por campos mais sonhados do que vistos,
A fauna vã das coisas tive em mira
Dos olhos e das armas.

Seu efêmero jôgo, seu alarde,
Se extinguiram sem gume e sem tormento
Em minhas mãos cansadas e doentes
Que matam sem doer:
Tapeceiras de coisas brasonadas,
Tecedeiros das coisas por morrer.

Não caçei mais que nuvens,
E se asas tive, para além das asas
Não consegui dos três bocais de ouro
Fazer ouvir as trompas do meu reino.
Mas fiz das penas das sonhadas caças
Um tapete de pluma e desespêro.

CANTIGAS DE FINGIMENTO

“O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente,
que chega a fingir que é dor
a dor que deveras sente”.

I

Sei que morreu meu império
Mas, por amá-lo, revivo
Nas teias áureas de um verso
Mesmo frágil e pensativo:

Meu louco império moreno
Nas tôrres do amor cativo.

Ó gentis damas de ontem,
Lacradas a sete sêlos,
Dai-me vossa face e o ouro
Negro dos vossos cabelos:

Vossa dor de ouro em salva
Nas mãos dos meus pesadelos.

II

Sei que morro e que não vejo
Meu império ressurgido.
Mas mesmo que êle não volte
Velo o seu corpo partido:

O seu corpo tatuado
Pela coroa do olvido.

Ó gentis damas de ontem,
Que trazeis o olhar nublado
Dos prantos do vosso rei
Que traíram no passado:

Espalhai vossos cristais
Nas cinzas dêsse reinado.

III

Por dez mil salas de tédio
Passeio o rubro alarido
Dos estandartes e as asas
De um cortejo destruído:

Nêstes caminhos sem pássaros
Nem fontes pra meu ouvido.

São dez mil salas de tédio
Que encontro por tôda parte.
Com nada mais neste mundo
Meu coração se reparte:

Sepultaram nossos deuses,
Mataram a vida e a arte.

IV

Quem dera que Deus mandasse
Seus anjos destruidores
Com altas asas varrendo
A terra dos seus terrores:

Limpendo as áreas do mundo
Com as penas dos pecadores.

Mas se Ele nega seus anjos
Manda o Poeta, Grão Fingido,
Que nas plumagens do Canto
Restaura o rumo esquecido

Pelos caminhos sem pássaros
Nem fontes p'ra nosso ouvido.

V

Quem não tem chaves tem garras
 No seu sangue prisioneiro,
 E um sol de fúrias sangrando
 Em cada canto um canteiro:

Neste jardim só de espantos
 Sou meu próprio jardineiro.

Ralhem aves agourentas
 Maculando a paz das horas;
 Tornem-se as nuvens cinzentas
 Para tôdas as auroras:

Quem cavalga sôbre os ventos
 Tem estrêlas por esporas.

VI

Há muito calaram sinos
 Pois não há quem os tanger.
 Nem meninas nem meninos
 Tangem sinos em seu ser:

Calaram os sinos do mundo
 E eu sinto a alma doer.

Mesmo sinos de concreto
 Não os ouço, e o céu fechado
 Parece enorme deserto
 Pairando no nosso fado:

Se é que fado nos reste
 Depois de tamanho enfado.

VII

Depois da morte de tudo
Em nós e fora de nós,
Nada mais merece estudo
Pois estamos todos sós:

E todo idioma é mudo
Apesar da nossa voz.

Para que os cantos da terra,
Se não há quem mais os cante?
Descobriu-se o último brilho
Da estrêla mais distante:

Mas resta um mar inventado
À espera de navegante.

VIII

Escrevo como quem nada
Sabe dizer, mas dizendo
A mão sinto arrebatada
Para o que eu não compreendo:

Mesmo sem saber a estrada
Não me entrego nem me rendo.

Quero dormir. Só o sono
Me interessa e nada mais.
Em vão procuro abandono
Para o meu corpo sem paz:

Mas meu invisível dono
Minha vontade não faz.

IX

Altos sonhos que me destes
Ó meu Senhor sem que eu possa,
Com meus cuidados terrestres
E a dor que de mim destroça,

Confirmá-los por celestes,
Dêles fazer glória vossa.

Altos sonhos que me destes.
Que farei dêles, Senhor?
Os homens zombam das vestes
Dos que cantam vosso amor:

Eu próprio vou me zombando
De tão inútil clamor.

X

Ouço os cães ladrarem longe
Das estrêlas, com o focinho
Mais sério que o ar de um monge
Na certeza do caminho:

Pudesse eu ladrar tão longe
Sem me sentir tão sôzinho.

Ai de mim que sequer tenho
A sombra por companhia.
Meu coração é um engenho
Remoendo nostalgia.

As imagens que eu retenho
Do hoje são de outro dia.

XI

As estrêlas já vão longe
Dos olhos desvirginados
De quem os tinha no brilho
Dois castelos deslumbrados.

São hoje espelhos de cinza,
Diamantes sepultados.

Pobre futuro da infância
Que se perdeu de outra mão:
Daquela não mais achada
Na concha do seu verão.

E nas cantigas de roda
Os tempos não mais serão.

XII

A Generino Luna

Então suponho que amo
E imagino o amor nascido,
E amo além das fronteiras
Do costumeiro sentido:

Para o amor ser despertado
Basta estar adormecido.

Então componho um silêncio
Para o amor se ver sonhado
E, em seguida, possuído
Para além do imaginado:

Pois o amor para ser belo
Precisa ser provocado.

XIII

Inventei muitos amigos
Para habitar meu país.
Nas curvas do seu sorriso
Brilhava um sol infeliz:

Um sol falso cujo brilho
Deixou seu mal por raiz.

De inimigos mascarados
Na selva do seu despeito,
Trago cravos cravejados
Como brilhantes no peito:

E seus nomes dizimados
Como rios do seu leito.

XIV

A Maximiano Campos

Cangaceiras esperanças
Sob um céu de desatino
Espalho nos sete ventos
Agudos do meu destino:

Por campos sem lei nem rei
Desarvorado menino.

Em tórno de mim matanças
Despertam o sangue enjaulado,
O gume calmo dos ossos
E a paz de um homem calado:

Serei então lei e rei
De um país desenganado.

XV

Defensável qualquer tôrre
De loucura no comando
De águas sem rumo e de terras
Com rei cego governando:

Defensável qualquer moinho
Os desertos sobrevoando.

Defensável qualquer têrmo
Marcado de duro brilho,
Que engaste êsse mundo enfêrmo
No metal do redondilho:

Que a ser profeta do êrmo,
Serei da loucura filho.

XVI

Um homem pronuncia alto
Seu sonho pra não morrer.
Serve-lhe então a palavra
Para o ouvir e para o ver:

Tal se só pronunciado
Tivesse existência e ser.

Eleva as tôrres de um sonho
Que até do sonho é perdido.
E ainda por fingimento
Dita frases ao ouvido

De atarantados meninos
Que não lhes sabem o sentido.

XVII

Sou o calado assaltante
Dos jardins de Deus seu dono
E adoro roubar-lhe as filhas
Quando Deus finge seu sono:

E as guardas delas, as brisas,
Dançam nas quadras de outono.

Abro então portões secretos
E penetro perturbado
Em seus rubros minaretes
Após muito os ter mirado:

E uso de tal silêncio
Que nem me sinto acordado.

XVIII

Dormem panteras no corpo
Como nuvens, como águas.
Mais serenas do que o sôpro
De um campo feito de mágoas.

Nuvens de calma, só rendas:
Como um desenho nas águas.

Dormem panteras no corpo
Guardadas por mil desvelos.
Nem mesmo para domá-las
Ninguém desperte os seus pêlos:

Elas mancharão as salas
Com malhas de pesadelos.

XIX

Meu pai dos olhos de lebre
Que amansam, com o seu clarão,
Os tigres enraivecidos
Do infortúnio e da paixão:

Também amanso meus tigres
Mas com flexas sem perdão.

Meu pai que o toque castanho
De sua clarividência
Espalha, desconfiado,
Pelas costas da inclemência:

Na sua bênção repouso
Minha fingida inocência.

XX

Minha presença incomoda
Como estandartes vermelhos
Gritando nos frágeis olhos
Seus brasões de desespero:

Seus frisos ensolarados
E a fúria dos seus espelhos.

Se te dói na carne o brilho
De minhas pedras de sonho
Se te dói sobre os ouvidos
O sol dos clarins revoando:

Mais sofrem meus estandartes
Sem culpa te incomodando.

Setembro de 1970

REVELAÇÃO DO MARAVILHOSO

O Maravilhoso

pôs um sêlo sagrado em minha bôca,
para que eu não espalhe a palavra
entre os porcos do mundo;
mas só a espalhe aos herdados por seu sangue,
aos conquistadores do grande sonho,
aos salvadores do seu fôgo original.
Não há maior degradação
do que a degradação da palavra
e que mais fira o coração do Maravilhoso.
A palavra que não cura, não ressuscita e não salva
não é a palavra do Maravilhoso.
Os únicos personagens vivos são os anjos
pois são os mensageiros da palavra:
da palavra de asas poderosas
e erguidas contra as âncoras da morte.
Por isso, a despeito de todos os naufrágios,
honra tua fidelidade à palavra
pois nela corre o sangue do Maravilhoso.

O Maravilhoso me tomou sôbre os seus ombros
e concitou-me à descoberta
do que por trás de tôdas as aparências
clama para ser violado:
numa violação que nunca rompa
por completo o tecido e o véu das coisas
que circundam o altar da Realidade:
a sempre violada e sempre virgem,
possessa e possuída do Maravilhoso.
Musa que arde de um fôgo sempre nôvo
que é entretanto o fôgo original.
Todos os candelabros do mundo
são insuficientes para incendiá-la.
Chamas se lhe renovam sôbre a carne
mas ela permanece intocável no seu mármore.
E nas suas selvas sempre ocultas
ecoa o canto do Maravilhoso.
Mas ninguém chega à Realidade
e às suas grutas
com os olhos desertos do Maravilhoso,
olhos abertos em fendas sem passagem,
e a alma sem buscas e sem sombras.

Pois o Maravilhoso
é o fôgo que envolve o corpo da Musa
e ao mesmo tempo é o pai da grande sombra.
Por isso êle ama a sombra dos que tateiam
na espera e na busca dêsse ventre
sempre fugindo à selva dos seus olhos.
Bem-aventurados os que percorrem
as três voltas do Triângulo,
para não mais esquecer a sua forma.
Pois elas são as três voltas do êxtase:
o sentimento, a vontade e a inteligência do mundo.
Por isso só aquêles que trazem
tatuados na carne os três mistérios
poderão receber o dom do eterno.
Finalmente, ninguém chegará
sem a fé no impossível,
e a boca sem o fôgo da palavra,
e os olhos desertos do Maravilhoso,
perante o altar triangular da grande Musa
que dos seus seios jorra a fonte perpétua
e insaciável
das muitas águas da eternidade.